



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA S/C LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO BACHARELADO EM ENFERMAGEM

THALIA PINHEIRO DOS ANJOS

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DO
ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO (AME): uma revisão da
literatura**

Itaituba – PA

2025

ANJOS, Thalia Pinheiro dos

Assistência de Enfermagem na Promoção do Aleitamento Materno Exclusivo (AME): uma revisão da literatura para Lactentes, Pará, Brasil/
Thalia Pinheiro dos Anjos. Itaituba: FAI, 2025.

55 f.: il.

Orientadora: Profa. MSc. Cristhiany Almeida e Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) Bacharelado em Enfermagem–
Faculdade de Itaituba, 2025.

1. Aleitamento. 2. Lactentes. I. SILVA, Cristhiany Almeida II. Faculdade de Itaituba.
BR – PA, 2025.

THALIA PINHEIRO DOS ANJOS

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DO
ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO (AME): uma revisão da
literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do Título de
Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Me. Cristhianny Almeida e Silva
Aguiar.

Itaituba – PA

2025

THALIA PINHEIRO DOS ANJOS

**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DO
ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO (AME): uma revisão da
literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do Título de
Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Me. Cristhianny Almeida e Silva
Aguiar

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: 100
Prof. Me. Cristhianny Almeida e Silva Aguiar

Avaliador(a): _____ Nota: 91
Prof. Esp. Maria do Carmo Barbosa

Avaliador(a): _____ Nota: 84
Prof. Esp. Osni Quintero Pereira

Resultado: Aprovada Média: 92

Data: 28 de março de 2025.

Dedico este trabalho a Deus que nos presenteia todos os dias com a energia da vida, que me dá força e coragem para atingir meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Eu, **Thalia Pinheiro Dos Anjos**, agradeço primeiramente a **Deus** por tudo que tem realizado na minha vida, por colocar uma Mãe e um Pai maravilhoso ao meu lado, **Rosalina Lisboa Pinheiro** e **José Luiz de Melo**, agradeço por estarem sempre ao meu lado me apoiando sempre que preciso.

Meus agradecimentos aos meus colegas da faculdade, **Edilane Oliveira**, **Melissa Caldas** e **Rodrigo Jader**, que juntos sempre me ajudaram nos trabalhos da faculdade.

Enfim, agradeço a minha orientadora, **Cristhianny Almeida e Silva Aguiar**, por me incentivar a dar o melhor de mim sempre nas apresentações, não tem como esquecer.

À minha família por me apoiar nos estudos, e a Instituição de Ensino Superior, **Faculdade de Itaituba- FAI**, por sempre ter atendido bem minhas necessidades como acadêmica. Além de ser eternamente grata a todos os docentes da referida instituição.

*O insucesso é apenas uma
oportunidade para recomeçar com mais
inteligência.*

“Henry Ford”

RESUMO

O aleitamento materno exclusivo (AME) refere-se ao fato de os bebês serem amamentados exclusivamente e não lhes dar nenhum outro alimento ou líquido, nem mesmo água, exceto medicamentos, soluções contendo vitaminas, sais de reidratação e suplementos minerais. A finalidade principal deste estudo foi examinar os principais fatores e aspectos que impactaram a prática do aleitamento materno em bebês, assim como o papel da assistência de enfermagem. Trata-se de um estudo teórico que será realizado por meio de revisão de literatura, com abordagem qualitativa, na qual serão selecionados os principais estudos relacionados ao tema proposto. Diante da análise da literatura sobre os fatores associados ao processo de adesão ao AME para lactentes, torna-se evidente a complexidade e a multifatorialidade envolvidas nesse contexto. É fundamental reconhecer que a promoção do aleitamento materno exclusivo não se restringe apenas à esfera individual, mas requer ações integradas que envolvam políticas públicas, estratégias de sensibilização e capacitação de profissionais de saúde, além de suporte contínuo às mães e famílias. Concluindo, a assistência de enfermagem é um componente essencial no processo de adesão ao AME para lactentes. Os profissionais de enfermagem desempenham um papel fundamental ao fornecer informações, apoio emocional e prático às mães, contribuindo para a superação de barreiras que podem dificultar a amamentação. A formação contínua desses profissionais em diretrizes e políticas de promoção do AME é crucial para garantir que estejam bem preparados para oferecer um suporte eficaz. Além disso, a criação de um ambiente acolhedor e encorajador nas unidades de saúde pode facilitar a adesão das mães ao AME, promovendo não apenas a saúde do bebê, mas também o bem-estar da mãe.

Palavras-Chave: Aleitamento Materno Exclusivo. Lactantes. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

Exclusive breastfeeding (EBF) refers to the fact that babies are exclusively breastfed and are not given any other food or liquid, not even water, except for medications, solutions containing vitamins, rehydration salts and mineral supplements. The main purpose of this study was to examine the main factors and aspects that impact the practice of breastfeeding in babies, as well as the role of nursing care. This is a theoretical study that will be carried out through a literature review, with a qualitative approach, in which the main studies related to the proposed theme will be selected. Given the analysis of the literature on the factors associated with the process of adherence to EBF for infants, the complexity and multifactoriality involved in this context become evident. It is essential to recognize that the promotion of exclusive breastfeeding is not restricted to the individual sphere, but requires integrated actions that involve public policies, awareness-raising strategies and training of health professionals, in addition to continuous support for mothers and families. In conclusion, nursing care is an essential component in the process of adherence to EBF for infants. Nursing professionals play a key role in providing information, emotional and practical support to mothers, helping to overcome barriers that may hinder breastfeeding. Ongoing training of these professionals in EBF promotion guidelines and policies is crucial to ensure that they are well prepared to offer effective support. In addition, creating a welcoming and encouraging environment in health care settings can facilitate mothers' adherence to EBF, promoting not only the health of the baby, but also the well-being of the mother.

Keywords: Exclusive Breastfeeding. Breastfeeding. Child Development.

LISTA DE QUADROS

Quadro- 1	Assistência de enfermagem no AME.....	37
Quadro- 2	Dificuldades enfrentadas por puérperas no AME.....	41

LISTA DE SIGLAS

ABNT-	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AME-	Aleitamento Materno Exclusivo
BPN-	Baixo peso ao Nascer
CD-	Crescimento e Desenvolvimento
ESF-	Estratégia e Saúde da Família
FAI-	Faculdade de Itaituba
LILACS-	Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde
OMS-	Organização Mundial da Saúde
SCIELO-	Scientific Electronic Library Online
UBS-	Unidade Básica de Saúde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1	CARACTERÍSTICAS DO PRÉ-NATAL.....	13
2.2	CARACTERÍSTICAS DO ALEITAMENTO MATERNO E SEUS BENEFÍCIOS.....	16
2.3	FATORES QUE GERAM A INTERRUPÇÃO PRECOCE DO AME.	18
2.4	CONHECIMENTO DAS LACTANTES SOBRE O AME.....	26
2.5	ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO AME.....	30
3	METODOLOGIA.....	34
3.1	TIPO DE ESTUDO.....	34
3.2	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	34
3.3	COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	35
3.4	ASPECTOS ÉTICOS.....	36
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	37
5	CONCLUSÃO.....	45
	REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

O aleitamento materno exclusivo (AME) refere-se ao fato de os bebês serem amamentados exclusivamente e não lhes dar nenhum outro alimento ou líquido, nem mesmo água, exceto medicamentos, soluções contendo vitaminas, sais de reidratação e suplementos minerais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que os bebês sejam amamentados exclusivamente em livre demanda por pelo menos seis meses após o nascimento (BRASIL, 2009).

O AME oferece benefícios financeiros, pois não há custos e dispõe afetividade, por meio do vínculo afetivo entre mãe e filho que é reforçado durante a amamentação. Além disso, melhora processos fisiológicas como a liberação de ocitocina, que é um hormônio que interrompe o sangramento e promove a sensação de bem estar. O leite materno é composto por proteínas, água, vitaminas e gorduras suficientes para o crescimento do lactente (AZEVEDO *et al.*, 2015).

O AME é a estratégia mais eficaz para prevenir a morbimortalidade neonatal e promover a saúde mental e física da mãe e da criança, pois o AME contém uma série de vitaminas, proteínas, carboidratos, lipídios, minerais e vitaminas. A água é necessária para o desenvolvimento da criança, mas o leite materno é o alimento mais nutritivo e completo para crianças nesses primeiros seis meses de vida (AMARAL *et al.*, 2015).

Assim, formulou-se as seguintes questões norteadoras: Quais os fatores e aspectos que contribuem ou interferem para a realização do aleitamento materno? Quais os principais questionamentos acerca da influência do aleitamento materno em lactentes? Como verificar as principais dificuldades enfrentadas pelas lactantes no momento de promover o aleitamento materno exclusivo? Qual o papel da assistência de enfermagem na promoção do aleitamento materno?

O objetivo geral desta pesquisa foi examinar os principais fatores e aspectos que impactaram a prática do aleitamento materno em bebês, assim como o papel da assistência de enfermagem. Sob os seguintes objetivos específicos: Investigar as práticas de assistência de enfermagem que têm sido eficazes para promover e apoiar o aleitamento materno exclusivo, identificando estratégias que facilitem a adesão das mães; examinar as principais barreiras enfrentadas pelas mães no processo de adesão ao aleitamento materno exclusivo e os facilitadores que podem ser utilizados pela equipe de enfermagem para superá-las e Avaliar a formação e capacitação dos

profissionais de enfermagem em relação às políticas e diretrizes de promoção do aleitamento materno exclusivo.

O processo de adesão ao AME para lactentes é influenciado por uma série de fatores que vão além da simples recomendação médica. Diversos estudos apontam que questões como o apoio familiar e social, a educação materna, a experiência prévia com a amamentação, o acesso a informações de qualidade sobre os benefícios do aleitamento materno, o ambiente de trabalho e a influência da mídia desempenham um papel crucial na decisão e na manutenção dessa prática. Compreender e abordar esses diferentes fatores é essencial para promover uma maior adesão ao aleitamento materno exclusivo, garantindo assim os inúmeros benefícios tanto para a saúde do bebê quanto para a mãe.

Trata-se de um estudo teórico que será realizado por meio de revisão de literatura, com abordagem qualitativa, na qual serão selecionados os principais estudos relacionados ao tema proposto. O foco está na coleta nas principais bases de dados eletrônicas disponíveis, como: Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) e Periódicos Capes.

A estrutura da monografia é composta por uma introdução que apresenta a contextualização teórica do tema, além da problemática, dos objetivos e da justificativa. A fundamentação teórica abrange os tópicos que sustentam a parte bibliográfica. Em seguida, a metodologia descreve o método utilizado para a coleta e análise dos dados. Os resultados e a discussão abordam comparações entre os resultados obtidos e as informações essenciais. Por último, a conclusão sintetiza a ideia central do trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CARACTERÍSTICAS DO PRÉ-NATAL

A preocupação com a saúde da mulher, no ciclo gravídico e puerperal, é um desafio para as autoridades de saúde em todo o mundo, tanto pela qualidade da assistência disponibilizada quanto pelo arcabouço conceitual. O ciclo gravídico deve ser observado satisfatoriamente em três etapas: gestação, parto e puerpério, para que a mulher possa receber uma assistência mais integral, holística e de qualidade (BALSELLS *et al.*, 2018).

A assistência pré-natal permite que os profissionais acompanhem e cuidem da mulher, garantam a saúde da mãe e do filho durante toda a gestação, identifiquem fatores de risco e determinem o tratamento adequado para possíveis condições que contribuam para resultados maternos e perinatais satisfatórios. As informações encontradas no decorrer das consultas tornam-se um fator importante na avaliação do cuidado à saúde de cada mulher, em especial, pela qualidade e humanidade do serviço prestado (RUSCHI *et al.*, 2017).

O pré-natal visa monitorar, prevenir e identificar complicações da mãe e do feto; oferecendo aconselhamento sobre gravidez, parto e pós-parto. É fundamental iniciá-lo no primeiro trimestre de gravidez, fazendo seis ou mais consultas. Embora a gravidez possa ser entendida como um processo fisiológico, algumas complicações podem surgir nesse período, diagnosticadas por meio de procedimentos necessários como: palpação obstétrica, medição da estatura locomoção, verificação da frequência cardíaca fetal; verificar o peso da gravidez, vacinas, sinais vitais, além de realizar testes rápidos e demais consultas (NUNES *et al.*, 2016).

O apoio à mulher ocorre da seguinte forma: após a confirmação da gestação, com base na história, exame físico e exames, a gestante é recrutada para o pré-natal, exames solicitados e checagem, por meio do preenchimento da ficha do SisPré-Natal, do cartão e no prontuário da mulher, a avaliação do risco de gravidez é realizada no âmbito da Estratégia e Saúde da Família (ESF) e, imediatamente, quando constatado o risco, a mulher é encaminhada ao serviço de pré-natal de alto risco, onde a avaliação é realizada pela equipe. Ressalta-se que o pré-natal de alto risco deve ser acompanhado em hospital de referência, com suporte mensal continuado da unidade básica de saúde (BRASIL, 2012).

A assistência pré-natal de qualidade e humanizada é essencial para a saúde de mães e bebês adolescentes e adultas, pois inclui ações que previnem e promovem a saúde da gestante, do feto e do nascituro, identificam precocemente potenciais situações de risco para ambos e possibilitam intervenções adequadas. Embora a cobertura pré-natal esteja aumentando no Brasil, um estudo sobre a qualidade da assistência mostra que ainda há muito trabalho a ser feito (SANTOS *et al.*, 2018).

Ressalta-se que o pré-natal, representa o primeiro contato da mulher com os serviços de saúde, devendo, portanto, ser organizado para atender suas reais necessidades, por meio da utilização de conhecimentos e recursos científicos e técnicos recomendados, em um contexto humanístico. No entanto, estudos identificaram falhas que afetam sua qualidade e efetividade, como baixa cobertura, início tardio, entrega de consulta completa ou incompleta, procedimentos recomendados completos inadequados e falta de informações da maternidade para o parto (VIELLAS *et al.*, 2014).

O pré-natal, por meio de ações preventivas, visa garantir uma gravidez tranquila e permitir o nascimento de um bebê saudável, preservando a saúde de você e de sua mãe. Estudos têm identificado que a assistência pré-natal qualificada está associada à diminuição de desfechos perinatais ruins, como baixo peso ao nascer e parto prematuro, além da redução do risco de complicações obstétricas, como eclampsia, diabetes gestacional e mortalidade materna (MARQUES *et al.*, 2020).

O pré-natal ocorre prioritariamente na rede pública, em um estudo cerca de 74,6% das gestantes, entre os anos de 2011 e 2012, receberam assistência pelo sistema público e 89,6% dos acompanhamentos foram realizados na atenção primária à saúde. Vários aspectos distinguem o pré-natal realizado na rede pública e dos serviços realizados no setor privado, incluindo a proximidade dos serviços ao domicílio, o atendimento baseado em protocolos clínicos elaborados pelo Ministério da Saúde e o princípio de redução da desigualdade regional e fatores socioeconômicos de interesse, destacando uma discrepância que precisa ser revista (BRASIL, 2008).

Em termos de saúde materno-infantil, diversas características podem influenciar as condições de gestação, parto e puerpério de cada mulher, desde aspectos biológicos até fatores socioeconômicos e psicológicos. Nesse sentido, o aconselhamento pré-natal é um importante aliado na atenção à saúde materna e

neonatal, pois uma série de questões de saúde, tanto da gestante quanto da criança, pode ser fundamentais na prevenção, identificação e/ou tratamento durante a gestação (BRASIL, 2011).

Nos países subdesenvolvidos, a maioria dos óbitos infantis é evitável ou controlável por meio de um pré-natal adequado, pois permite a eliminação ou redução de comportamentos e fragilidades, aspectos de risco evitáveis, além de proporcionar diagnóstico e tratamento de doenças durante a gestação. No entanto, a falta de procedimentos básicos e de rotina no pré-natal está associada a maiores taxas de mortalidade neonatal e baixo peso ao nascer (BPN) (TREVISAN *et al.*, 2002).

O entendimento do perfil das gestantes de risco pode acelerar o avanço das políticas públicas de saúde e ações para redução das taxas de gravidez de alto risco e mortalidade perinatal. É necessário um apoio individualizado para cada gestante no pré-natal, levando em consideração fatores socioeconômicos e obstétricos, hábitos de vida, aspectos nutricionais, etc. oferecer melhor suporte para lidar com as intercorrências que possam surgir nesse ciclo, primordialmente no contexto do pré-natal de alto risco (CABRAL *et al.*, 2018).

Os achados sobre um bom pré-natal apontam caminhos que devem ser explorados pelos gestores, pela equipe médica e principalmente pelas enfermeiras, para que essas mulheres estejam mais bem preparadas no momento do parto. Ressaltaram também a necessidade de desenvolver mais estudos para explorar como acessar as orientações de parto necessárias durante o pré-natal, bem como investigar a necessidade de integrar a enfermeira obstetra no cenário clínico (GONÇALVES *et al.*, 2018).

Melhorar a qualidade do pré-natal e ampliar o acesso no âmbito da ESF são iniciativas relevantes, pois sua estruturação e oferta adequada têm resultados positivos na redução das taxas de morbimortalidade gestacional, materna e neonatal. O acesso e a qualidade do pré-natal também estão relacionados às condições de vida das pessoas em cada macrorregião e/ou estado estudado. Embora o investimento no setor de saúde não possa reverter os indicadores sociais negativos, a garantia de acesso igualitário e universal às gestantes pode ajudar a reduzir a desigualdade, especialmente para as gestantes (GUIMARÃES *et al.*, 2018).

2.2 CARACTERÍSTICAS DO ALEITAMENTO MATERNO E SEUS BENEFÍCIOS

O aleitamento materno (AME) é uma estratégia natural de afeto, apego, proteção e nutrição do lactente e é uma ação eficaz para reduzir a morbimortalidade infantil. A amamentação é mais do que apenas a sucção, envolve interações mãe-bebê, beneficia o estado nutricional e a imunidade a infecções, fisiologia, desenvolvimento e saúde a longo prazo da criança. Portanto, os profissionais de saúde devem identificar e compreender o aleitamento materno no contexto familiar e sociocultural, apoiando ativamente as mães e famílias (BRASIL, 2015).

Os benefícios do aleitamento materno são atribuídos às substâncias bioativas que auxiliam no amadurecimento do sistema imunológico, na redução da resistência à insulina e na prevenção do ganho de peso excessivo em crianças. É bem conhecido que os componentes do leite materno, como os ácidos graxos poliinsaturados são primordiais para o metabolismo normal da glicose sanguínea desses bebês (SILVA *et al.*, 2007).

O leite materno é a fonte fundamental de nutrição, permitindo cumprir o seu potencial genético, graças à sua composição que assegura uma quantidade adequada de água, hidratos de carbono, lipídeos e proteínas necessárias ao lactente. É conveniente, livre de bactérias e contém altos níveis de componentes imunológicos que ajudam a proteger as crianças durante toda a infância (ANDRADE, 2014).

É importante destacar os benefícios do aleitamento materno para a saúde da mulher, pois é um fator de proteção contra doenças como câncer de mama, câncer de ovário e fraturas por osteoporose. Além disso, permite uma involução uterina mais rápida por meio da liberação de ocitocina. Redução do risco de hemorragia pós-parto e também menores taxas de anemia. Devido às práticas de amamentação, as mulheres lactantes, comparadas com aquelas que não amamentam, recuperam o peso gestacional mais rapidamente e aumentam o intervalo entre as gestações devido à maior duração da amenorreia (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

O aleitamento materno é nutricionalmente, psicologicamente e imunologicamente completo, pois contém todos os nutrientes necessários para o bom desenvolvimento da criança. Contendo 88% de água, vitaminas, proteínas, lipídios, carboidratos e minerais que geram a proteção contra doenças infecciosas, doenças crônicas e respiratórias não contagiosas, deformidades da arcada dentária, prevenir a obesidade infantil e outras doenças (SILVA *et al.*, 2016).

A prática do AME permite, por meio da troca afetiva, uma interação profunda entre mãe e filho, que cria vínculo, fortalece a autoconfiança, traz satisfação à criança, desperta afeto e torna a mãe receptiva e atenta às necessidades da criança. bebês em processos interativos desde a primeira infância. O aleitamento materno está fortemente associado à boa saúde física e mental em mulheres que estão amamentando em comparação com mulheres que nunca amamentaram, apresentam menos sintomas associados a doenças emocionais, menores taxas de exames médicos e menores taxas de distúrbios digestivos e cardiovasculares e doenças respiratórias (ROCHA *et al.*, 2018).

O AME é um aspecto positivo quando se compara com meios artificiais de aleitamento, pois estes podem levar ao desenvolvimento incorreto da criança e patologias a longo prazo. As medidas preventivas incluem deformidades estruturais dos ossos e dentes, crescimento excessivo da mandíbula, alterações na função da mandíbula, perda da função palatina, perda da função do palato superior, hipotonia dos lábios. lábio superior, músculos hipertônicos do lábio inferior, alternância de língua e melanoma. É por isso que o AME apresenta uma série de vantagens, incluindo desenvolvimento craniofacial e psicológico (BRAGA, GONÇALVES-SILVA; AUGUSTO, 2020).

Nesse sentido, orientações como a importância e os benefícios do AME, bem como as medidas de manejo necessárias para a prática adequada, são essenciais durante toda a gestação e puerpério. No entanto, esses fatores ainda são desconhecidos por todos, por isso a importância de democratizar a informação. Os profissionais de saúde têm o dever de conscientizar as mulheres e famílias sobre as práticas e benefícios do AME, mas para que isso aconteça são necessárias mais políticas e projetos públicos, que facilitem a disseminação de informações essenciais que é direito de todos (BRAGA, GONÇALVES-SILVA; AUGUSTO, 2020).

O AME é uma prática muito importante para mãe e filho, proporcionando uma oportunidade de vínculo e benefícios para a saúde de ambos. Este promove o desenvolvimento genital no período pós-parto, reduz o risco de câncer de mama, ovário e útero e minimiza os custos associados à compra de produtos industriais para alimentação infantil e tratamento de qualquer doença. Para os lactentes, promove o desenvolvimento adequado da face, fonética, respiração e deglutição e previne a

morbimortalidade infantil. A amamentação gera o maior desenvolvimento intelectual com maiores níveis de escolaridade e possibilidades na vida adulta (BUENO, 2005).

A amamentação proporciona benefícios psicológicos, biológicos, fisiológicos e emocionais, disponibilizando a liberação de ocitocina, que induz as contrações uterinas, reduz o sangramento, proporciona recuperação uterina mais rápida. O Leite Materno possui valor nutricional capaz de suprir as necessidades dos lactentes, não sendo necessário fornecer outros alimentos nos primeiros 6 meses de vida (AZEVEDO *et al.*, 2015).

O AME é especial porque pode evitar alterações no sistema estomatognático, visto que a prática de meios artificiais pode tornar-se na geração de problemas craniofaciais. Dentre essas prevenções, estão a aberração nas estruturas ósseas e dentárias, avanço mandibular exagerado, alterações miofuncionais orofaciais, atresia de palato, atresia do aro sublimb, musculatura labial sublimb hipotônica, musculatura labial ínfero hipertônica, e mal oclusões e deficiência na mordedura das crianças (CASSIMIRO *et al.*, 2019).

Nesse sentido, o AME apresenta uma série de vantagens, incluindo desenvolvimento craniofacial e psicológico, estimulação as funções orais e oclusão sem desalinhamento. Isso demonstra que o AME é extremamente importante para o bom desenvolvimento do bebê (DUARTE, 2019).

2.3 FATORES QUE GERAM A INTERRUPÇÃO PRECOCE DO AME

O AME inclui a alimentação somente com leite materno, seja diretamente da mama, ordenhado ou de outra fonte humana, até o sexto mês de vida, sem necessidade de outros suplementos alimentares, exceto gotas ou xaropes. Nesse aspecto, contém vitaminas, sais de reidratação e suplementos minerais que são essenciais para o desenvolvimento da criança (GUERRA *et al.*, 2012).

A alta taxa de mortalidade infantil no Brasil desencadeou um movimento de volta ao aleitamento materno. Desde então, muitas ações de promoção ao AME vêm sendo desenvolvidas e apoiadas por políticas públicas como uma das principais estratégias de combate à morbimortalidade infantil no País (BRASIL, 2017).

O AME é uma etapa muita relevância na vida reprodutiva da mulher, porém, são muitos os motivos que impedem a amamentação. Entre os problemas estão: interferência de familiares, introdução precoce de alimentos artificiais, como chá, leite

em pó, biscoitos, bebidas lácteas, entre outros, necessidade de trabalhar fora de casa, impasses relacionados à mama que dificultam a produção ou sucção do leite (SILVA; GALDINO, 2019).

Os impasses mais associados à não amamentação relacionaram-se ao desconhecimento da mãe lactante sobre a técnica de ordenha, posição correta da amamentação, conhecimento da fisiologia da produção do leite, desmascaramento de mitos sobre leite fraco e outros comentários que prejudicam este processo (VIEIRA, 2020).

Partindo da constatação de que o desmame precoce faz parte de um contexto social, educativo e de serviço de saúde responsável, é importante ressaltar a necessidade de desenvolver ações em prol do AME, para manter as práticas de aleitamento por seis meses (FRANÇA *et al.*, 2007).

Os profissionais de saúde que atuam na atenção primária são responsáveis pelo acompanhamento permanente do AME, desde o pré-natal até a puericultura. A Saúde da Família é uma estratégia preferencial para a organização da atenção primária, e a análise da prática profissional da enfermagem nas equipes de saúde da família é evidenciada pelo fato de constituir um grande contingente de especialistas dos serviços médicos do SUS (QUEIROZ, 2008).

A interrupção do AME antes do bebê completar seis meses de vida é considerada um desmame precoce, independentemente de a mãe ter ou não tomado essa decisão, mas o que importa é o verdadeiro motivo da interrupção. Esse aspecto se deve aos inúmeros benefícios tão para a mulher, quanto para a criança. Ainda quão muitos fatores pareçam ser os motivos da interrupção do AME, tais como: desacolhimento do neném em realizar a sucção no peito, problemas mamários, culpa de leite e outras patologias na mulher será extremamente prejudicial (BARBOSA; VASCONCELOS; GOMES, 2020).

O desenvolvimento e a participação da mulher no mercado de trabalho, o abuso de chupeta, entre outros motivos, pode vincular outros motivos para isso, relacionados às influências culturais, à família, ao ambiente, com a personalidade da mãe, seus sentimentos e suas reações a diversas intercorrências do cotidiano (BARBOSA; VASCONCELOS; GOMES, 2020).

Diversos fatores são identificados em estudos com relação a exacerbação do desmame precoce, carga de trabalho materno fora da família e uso de chupeta infantil

sendo esses os mais incidentes. Nesse cenário, são advindos do ambiente em que vivem, emergem fortemente de questões sociais e culturais atuais da sociedade. Dos fatores maternos, a idade materna é a mais comum, logo, mães jovens tendem a amamentar menos, enquanto que multíparas são mais propensas a amamentar seus filhos (PIVETTA *et al.*, 2018).

Os fatores mais determinantes do desmame precoce são as crenças de que o leite está fraco ou inadequado para o bebê, o retorno as atividades laborais, a interpretação equivocada do choro e a inexperiência ou insegurança da mulher. O sucesso da amamentação depende, em primeiro lugar, da vontade da mãe em amamentar e, em seguida, da atuação de um profissional de saúde, do apoio familiar e das condições de trabalho favoráveis (ANDRADE; PESSOA; DONIZETE, 2018).

Quaisquer fatores que possam contribuir para a ocorrência de desistência precoce, devem ser analisados. É importante tentar fazer do AM um ato de alegria e dedicação ao invés de uma obrigação, para contribuir com a qualidade de vida da mãe e do filho. Assim, a fim de minimizar o desmame precoce, e gerar a promoção do aleitamento materno com apoio e orientação às gestantes e nutrizes por meio de um pré-natal atencioso, com a constituição de grupo de gestantes, cuja preocupação das mães cabe aos profissionais de saúde. Além disso, as práticas de amamentação devem ser apoiadas durante a internação hospitalar e puerpério (SOUZA *et al.*, 2018).

O desmame precoce é uma questão de saúde pública no país, apesar das políticas de proteção ao aleitamento materno, os profissionais de enfermagem devem possuir qualificação e sensibilidade adequadas, em consenso com a educação em saúde continuada. A proposta deve estruturar a formação dos profissionais sob o ponto de vista da saúde. Observando assim, o processo de trabalho garantindo a transformação das modalidades profissionais, a partir da reflexão crítica da realidade, e organização do retorno ao trabalho, a partir das necessidades de saúde do grupo de gestantes atendidas (MACHADO *et al.*, 2013).

A interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo é uma questão de saúde pública que merece atenção. Diversos fatores podem contribuir para que essa prática, considerada ideal para a nutrição dos bebês nos primeiros meses de vida, não seja mantida. Entender esses fatores é crucial para o desenvolvimento de estratégias que incentivem e apoiem as mães a continuarem a amamentar. Um dos principais fatores é a falta de apoio social e familiar. Muitas discussões maternas dificuldades

em receber o suporte necessário de familiares e amigos durante o período de amamentação. Essa rede de apoio é fundamental para que a mulher se sinta encorajada e confiante em sua capacidade de amamentar, e a ausência dela possa levar à interrupção precoce (FARIAS, 2022).

Além do apoio social, o ambiente de trabalho também desempenha um papel significativo. Muitas mães que retornam ao trabalho enfrentam desafios para continuar amamentando, como a falta de políticas adequadas de licença maternidade e a ausência de locais protegidos para a proteção e armazenamento do leite. Isso pode pressioná-las a substituir o leite materno por fórmulas infantis, comprometendo a continuidade do aleitamento. A saúde da mãe é outro fator que pode influenciar a amamentação. Condições médicas, como depressão pós-parto, problemas de saúde física ou dificuldades emocionais, podem dificultar a amamentação exclusiva. É essencial que as mães tenham acesso a cuidados de saúde que considerem essas questões e apresentem suporte psicológico e físico (GONÇALVES; REIS, 2016).

A informação e a orientação sobre educação também são cruciais. Muitas mães não têm acesso a informações específicas sobre os benefícios do leite materno podem ser exclusivos e as técnicas corretas de amamentação. A falta de educação sobre o assunto pode resultar em inseguranças e dúvidas, levando à interrupção do aleitamento. A pressão social e cultural também pode impactar a amamentação. Em algumas culturas, há uma preferência por fórmulas infantis ou uma estigmatização em relação à amamentação em público. Essas normas sociais podem fazer com que as mães se sintam desconfortáveis ou envergonhadas ao amamentar, levando-as a optar por alternativas (AZEVEDO; ATAÍDE, 2021).

Além disso, Segundo Souza, Assunção e Guimaraes (2023), a introdução precoce de alimentos sólidos é um fator que contribui para a interrupção do aleitamento materno exclusivo. Muitas vezes, há uma opinião de que os bebês precisam de alimentos adicionais antes dos seis meses, o que contraria as recomendações da Organização Mundial da Saúde. Essa prática pode comprometer a nutrição adequada do bebê e a continuidade da amamentação. A dificuldade técnica na amamentação, como problemas na pega do bebê, dor ou desconforto durante a amamentação, pode levar muitas mães a desistirem. É fundamental que as mulheres tenham acesso a consultoria de lactação e apoio de profissionais de saúde para superar essas barreiras e garantir uma experiência de amamentação positiva.

Os mitos e desinformações sobre amamentação também são fatores que podem gerar insegurança nas mães. Muitos mitos, como a ideia de que o leite materno não é suficiente, podem levar à introdução precoce de fórmulas. Combater esses mitos por meio de campanhas educativas é essencial para promover o aleitamento materno exclusivo. A falta de políticas públicas que incentivem o aleitamento materno também representa um desafio. Muitas vezes, as iniciativas externas para a promoção do aleitamento exclusivo não são suficientes ou não chegam a todas as mães. Políticas mais robustas, que incluem treinamento de profissionais de saúde e campanhas de conscientização, são fáceis para criar um ambiente favorável à amamentação (ANDRADE, 2018).

Para abordar a interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo, é fundamental implementar programas de educação e sensibilização que alcancem tanto as mães quanto a comunidade em geral. Essas iniciativas informam sobre a importância do aleitamento exclusivo, desmistificando os erros e fornecendo orientações práticas sobre como amamentar de forma eficaz. Workshops, palestras e grupos de apoio são exemplos de estratégias que podem fortalecer o conhecimento e a confiança das mães (ARAÚJO; FORMIGOSA; MACIEL, 2020).

Outra abordagem eficaz é a capacitação de profissionais de saúde. Médicos, enfermeiros e consultores de lactação devem ser treinados para oferecer informações precisas e apoio emocional às mães. A formação deve incluir a identificação de dificuldades na amamentação e a promoção de soluções que incentivam a continuidade do aleitamento materno. Profissionais bem informados podem ser agentes de mudança, ajudando a criar um ambiente mais acolhedor para as mães (ZAVA; CONTARINE; BAPTISTINI, 2021).

Além disso, é importante que as políticas públicas se alinhem às melhores práticas de amamentação. Isso inclui a implementação de licenças de maternidade mais longas e flexíveis, que permitem às mães se dedicarem ao aleitamento nos primeiros meses de vida sem a pressão de retorno ao trabalho. Também é essencial que as empresas desenvolvam políticas que apoiem as mães que amamentam, como a criação de espaços adequados para a proteção do leite e flexibilidade de horários (HOLANDA; SILVA, 2023).

A criação de redes de apoio comunitário pode ser um fator decisivo para a continuidade do aleitamento materno. Grupos de mães, comunidades e organizações

não governamentais podem trabalhar juntos para oferecer suporte emocional e prático. Esses grupos proporcionam um espaço seguro para compartilhar experiências, trocas de dicas e podem resolver problemas, criando um ambiente que encoraja as mães a persistirem na amamentação (GONÇALVES; REIS, 2016).

O papel da mídia na promoção do aleitamento materno também não pode ser subestimado. A divulgação de campanhas que enfatizem os benefícios do aleitamento exclusivo e a normalização da amamentação em público pode ajudar a mudar a percepção social. A representação positiva da geração na mídia, incluindo programas de televisão, redes sociais e campanhas publicitárias, pode contribuir para a desestigmatização e promover uma cultura mais favorável (AZEVEDO; ATAÍDE, 2021).

Também é necessário considerar as questões econômicas que podem impactar a amamentação. O custo das fórmulas infantis e a realidade econômica de muitas famílias podem influenciar a decisão de interrupção do aleitamento materno. Programas que garantem acesso a alimentos e suporte nutricional para mães que amamentam podem ser benéficos, além de fornecer recursos que ajudam a aliviar a carga financeira de criar um bebê (ARAÚJO; FORMIGOSA; MACIEL, 2020).

A pesquisa e a coleta de dados sobre a amamentação devem ser incentivadas para entender melhor as barreiras enfrentadas pelas mães. Estudos que abordam a experiência de amamentar em diferentes contextos culturais e socioeconômicos podem informar políticas e práticas mais eficazes. É fundamental que as vozes das mães sejam ouvidas e consideradas na formulação de estratégias de apoio (TAVARES *et al.*, 2020).

Nessa ótica, a promoção do aleitamento materno exclusivo deve ser uma responsabilidade compartilhada por toda a sociedade. Governos, instituições de saúde, comunidades e famílias têm papéis fundamentais a desempenhar. Fomentar um ambiente que valorize e apoie a amamentação não apenas beneficia as mães e bebês, mas também contribua para a saúde pública em geral, reduzindo custos com saúde e promovendo o bem-estar da população (MACHADO *et al.*, 2013).

A amamentação é um ato natural e essencial, e garantir que as mães tenham as condições para amamentar exclusivamente é um desafio que requer um esforço conjunto. Somente por meio de uma abordagem colaborativa e abrangente será possível aumentar as taxas de aleitamento materno exclusivo e, conseqüentemente,

melhorar a saúde e a qualidade de vida das futuras gerações (ARAÚJO; FORMIGOSA; MACIEL, 2020).

A continuidade da amamentação exclusiva é um objetivo que deve estar no centro das políticas de saúde infantil. Para isso, é crucial a criação de estratégias que abordem as diferentes barreiras enfrentadas pelas mães. Isso inclui a necessidade de um sistema de saúde acessível e acolhedor, que ofereça suporte contínuo durante a gestação e após o parto. A presença de profissionais de saúde capacitados e disponíveis para responder a dúvidas e oferecer orientações pode fazer uma diferença significativa (HOLANDA; SILVA, 2023).

A promoção de espaços seguros e confortáveis para amamentação também é essencial. Em ambientes públicos, como shoppings, praças e locais de trabalho, é importante que haja áreas designadas para que as mães possam amamentar ou extrair leite com privacidade e conforto. A melhoria dessas estruturas não só apoia as mães, mas também normaliza a amamentação em público, contribuindo para uma mudança cultural mais ampla (BRAGA, GONÇALVES-SILVA; AUGUSTO, 2020).

As campanhas de sensibilização devem ser direcionadas a todos os segmentos da sociedade, incluindo pais, avós e outros cuidadores. A educação sobre a importância do aleitamento exclusivo deve ser uma responsabilidade compartilhada, e todos devem ser incentivados a apoiar as mães em suas decisões. A informação deve ser divulgada em escolas, centros comunitários e através de plataformas digitais, alcançando um público diversificado. Além disso, a criação de programas de mentoria onde mães experientes podem apoiar as novas mães pode ser muito eficaz. Esses programas podem ajudar a construir uma rede de suporte, onde as mães podem compartilhar experiências, oferecer conselhos práticos e encorajar umas às outras a continuarem amamentando. Essa conexão entre mães pode ser uma fonte valiosa de motivação e apoio emocional (ARAÚJO *et al.*, 2021).

A inclusão de conteúdos sobre educação nos currículos escolares e de formação profissional também é uma estratégia importante. Ensinar sobre os benefícios do aleitamento materno desde cedo pode ajudar a criar uma cultura que valorize essa prática. Futuras gerações de cuidadores e profissionais de saúde podem se tornar defensores da amamentação, promovendo um ambiente mais favorável para as mães (SANTOS *et al.*, 2022).

A pesquisa também deve ser incentivada para compreender melhor os fatores que influenciam a amamentação em diferentes contextos. Estudos que exploram as experiências de mães de diversas origens, culturais e socioeconômicas podem revelar insights importantes que ajudam a moldar políticas mais eficazes. A coleta de dados sobre as taxas de amamentação e as razões para a interrupção pode informar direções direcionadas (SOUZA *et al.*, 2013).

É fundamental que as ações externas para a promoção do aleitamento materno sejam sustentáveis e de longo prazo. As iniciativas temporárias podem ter um impacto limitado, enquanto as estratégias contínuas garantem que o apoio às mães seja uma parte integrada da saúde pública. O comprometimento de todos os setores da sociedade é essencial para que as mudanças desejadas se concretizem. As experiências de mães que enfrentam dificuldades na amamentação devem ser ouvidas e consideradas. Criar espaços onde essas histórias possam ser compartilhadas pode ajudar a desmistificar o processo de amamentação e proporcionar um senso de comunidade. A empatia e a compreensão são fundamentais para apoiar mães que podem se sentir isoladas em suas lutas (ARAÚJO *et al.*, 2021).

Portanto, a promoção do aleitamento materno exclusivo deve ser vista como uma questão de patrimônio. As desigualdades sociais e econômicas podem afetar o acesso a recursos e informações sobre amamentação. Portanto, é crucial que as iniciativas sejam inclusivas e abordem as necessidades das populações mais vulneráveis, garantindo que todas as mães tenham a oportunidade de amamentar de maneira exclusiva, se assim desejarem. Assim, a interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo é um desafio multifacetado que requer uma abordagem abrangente e colaborativa. Investir em educação, apoio, políticas públicas e pesquisa é essencial para criar um ambiente favorável que incentive as mães a continuarem amamentando (TAVARES *et al.*, 2020).

2.4 CONHECIMENTO DAS LACTANTES SOBRE O AME

A amamentação é um processo que envolve fatores ambientais, fisiológicos e emocionais. Ressalta-se que o leite materno é um alimento natural e completo para os bebês nos primeiros meses de vida, o ato de amamentar beneficia tanto a mãe

quanto o bebê, além de fortalecer o vínculo afetivo entre ambos. O leite materno também é considerado capaz de reduzir o risco de várias doenças (LEITE *et al.*, 2019).

A percepção das mães sobre a amamentação é muito importante, pois afeta diretamente o comportamento da amamentação. As decisões de amamentação são influenciadas por vários fatores inter-relacionados, como atitudes individuais da mulher, nível de escolaridade, cultura, classe social, falta de incentivo para amamentar em sua rede de apoio, dificuldade nas práticas de amamentação, proximidade e falta de apoio familiar e suporte adjacente (MARIANO; SILVA; ANDREWS, 2015).

A falta de conhecimento sobre os benefícios do AME é um grave problema de saúde pública e, na maioria das vezes, o preparo inadequado para o pré-natal e a assistência materna são ineficientes. Dessa forma, as mães que amamentam não têm orientação adequada sobre a prática do AME e encaram como uma ação que não tem tanta importância para o desenvolvimento do filho (SOUZA *et al.*, 2013).

A educação em saúde inclui oportunidades de aprendizagem, comunicação e, portanto, ampliação do conhecimento sobre aleitamento materno. Por outro lado, sabe-se que a promoção da saúde, incluindo situações da vida cotidiana, prepara as pessoas para uma melhor alfabetização em saúde, sanando as principais necessidades encontradas quanto ao autocuidado (ZARPELLON; RAVELLI; MATIA, 2015).

O aconselhamento no pré-natal é o melhor momento para orientar as mães nas práticas de amamentação, pois é o período de maior contato entre elas e os profissionais de saúde, onde as mulheres depositam toda sua confiança nesse processo. É nessa fase que as gestantes vão aprender os benefícios do AME, através das orientações recebidas, por isso é muito importante incentivar essa ação como algo primordial, visto que, a falta de informação levará ao desmame precoce (MAIA, 2014).

São muitos os mitos e fatores culturais que influenciam fortemente as crenças das mães, além da interferência de outros quando se trata da amamentação. Um dos mitos comuns entre as mães é acreditar que o leite é fraco. Esse equívoco pode estar relacionado ao desconhecimento das mães sobre o leite materno e a sua produção, fator que pode levar também ao desmame precoce (ROCCI; FERNANDES, 2014).

Fatores culturais, a falta de compreensão da qualidade do leite materno e a percepção do choro do bebê como sinal de fome podem impedir a mãe de amamentar

plenamente. A equipe multiprofissional deve estimular o AME durante todo esse processo para evitar o desmame prematuro. As lactantes que têm dificuldade em amamentar têm uma duração mais curta do processo de aleitamento e produção de leite (CARNEIRO; RODRIGUES, 2018).

Impulsionada pelas expectativas, dificuldades, inseguranças e frustrações das gestantes/puérperas, a confiança durante o AME é considerada um fator fundamental nas práticas de amamentação. Uma Maior tranquilidade e menos ansiedade no funcionamento materno, gera forte autoeficácia na amamentação, pois são considerados fatores de proteção. A escolaridade materna, o parto, o pré-natal, o estado civil, a amamentação na primeira hora pós-parto, o apoio social e as complicações obstétricas são descritos como variáveis que podem interferir nessa evolução (MACHADO; SOLER, 2018; VIEIRA *et al.*, 2018).

Por conseguinte, é muito essencial que as mães recebam acompanhamento e aconselhamento de uma equipe multidisciplinar, incluindo nutricionistas, e não apenas de determinados profissionais de saúde isolados, para o sucesso da lactação e o nutricionista é o mais qualificado. Nesse sentido, o papel deste especialista que é muito relevante, principalmente na equipe multidisciplinar sendo responsável por fornecer aconselhamento sobre nutrição adequada durante os diferentes ciclos da vida humana. Em consonância com o aconselhamento de como dar alimentos complementares de forma adequada (PRATES; CECCON; LIPINSKI, 2012).

O conhecimento das lactantes sobre o AME é crucial, pois influencia diretamente a prática de amamentar e a duração do aleitamento. Quando as mães estão bem informadas sobre os benefícios do AME, elas estão mais propensas a aderir a essa prática, proporcionando aos seus bebês todos os nutrientes necessários nos primeiros seis meses de vida. Um dos principais benefícios do AME é a proteção imunológica que ele oferece ao bebê. O leite materno é rico em anticorpos e outras substâncias bioativas que ajudam a fortalecer o sistema imunológico do bebê, protegendo-o contra infecções e doenças. Mães que entendem essa vantagem estão mais motivadas a continuar amamentando, mesmo diante dos desafios iniciais, como dificuldades na pega ou dor (SANCHES *et al.*, 2020).

Em consenso, Leite *et al.* (2019), destaca que o conhecimento sobre o AME ajuda as lactantes a reconhecer a importância do vínculo afetivo que se estabelece durante a amamentação. Esse momento íntimo entre mãe e filho contribui para o

desenvolvimento emocional e psicológico da criança, além de fortalecer a ligação entre ambos. Mães informadas tendem a valorizar mais esses momentos, tornando a experiência de amamentar mais gratificante.

Conforme Rodrigues et al. (2021), o AME também tem implicações econômicas significativas. Quando os lactantes sabem que o leite materno é o alimento mais completo e gratuito disponível para seus bebês, eles podem evitar gastos desnecessários com fórmulas infantis. Esse conhecimento pode aliviar a pressão financeira sobre muitas famílias, especialmente em contextos socioeconômicos mais vulneráveis.

A saúde materna também se beneficia do leite materno, visto que, mulheres que amamentam correm menor risco de desenvolver certos tipos de câncer, como o de mama e de ovário, e também podem experimentar uma recuperação pós-parto mais rápida. Quando as lactantes estão conscientes desses benefícios, a motivação para manter o AME aumenta, promovendo também o bem-estar da mãe. Assim, a educação sobre o AME deve ser uma prioridade nas políticas de saúde pública, pois mães informadas são mais capazes de tomar decisões conscientes em relação à alimentação de seus filhos. Campanhas de conscientização e programas de apoio podem ajudar a divulgar informações precisas e baseadas em evidências, capacitando os lactantes a seguirem o AME (COELHO; LIMA; ARRUDA, 2018).

As lactantes que possuem conhecimentos adequados sobre o AME são mais capacitadas para enfrentar desafios comuns, como a percepção de falta de leite ou dúvidas sobre a nutrição do bebê. Com informações corretas, elas podem buscar apoio e soluções eficazes, garantindo que a amamentação continue de maneira segura e saudável. Outro aspecto importante é a influência que o conhecimento das lactantes exerce sobre o ambiente familiar e social. Mães bem informadas podem educar e sensibilizar seus parceiros, familiares e amigos sobre a importância do AME, criando uma rede de apoio que favorece a prática da amamentação e respeito ao tempo e às necessidades da mãe e do bebê (RODRIGUES *et al.*, 2021).

O conhecimento das lactantes também é vital para combater mitos e desinformações sobre o leite materno. Muitas mulheres enfrentam pressões culturais ou sociais que podem desencorajá-las a amamentar de forma exclusiva. Informações corretas e baseadas em evidências ajudam a desmistificar erros, fortalecendo a confiança das mães em suas capacidades de amamentar. Além disso, o apoio dos

profissionais de saúde é essencial para garantir que os lactantes recebam informações precisas sobre o AME. Enfermeiros, médicos e consultores de lactação devem estar bem preparados para fornecer orientações claras e específicas, ajudando as mães a superar dificuldades e a manter a amamentação exclusiva (SILVESTRE, 2017).

Segundo Takemoto *et al.*, (2023), a promoção do conhecimento sobre a AME também pode contribuir para a redução da mortalidade infantil. Bebês que são amamentados exclusivamente apresentam menor risco de morte súbita e de complicações de saúde graves nos primeiros meses de vida. Portanto, o investimento em educação sobre o AME é um passo importante para melhorar os indicadores de saúde infantil. Além dos aspectos já mencionados, é importante destacar que o conhecimento sobre o AME pode influenciar na redução do risco de alergias e intolerâncias alimentares em bebês. O leite materno contém enzimas e proteínas que ajudam o sistema imunológico regular do bebê, proporcionando a probabilidade de desenvolvimento de alergias. Lactantes informadas sobre esses benefícios estão mais dispostas a perseverar na amamentação, mesmo diante de desafios.

O apoio psicológico das lactantes também é uma área crucial que se beneficia do conhecimento sobre o AME. Mães bem informadas se sentem mais seguras e confiantes em sua capacidade de nutrir seus bebês, o que pode reduzir a ansiedade e o estresse associados ao cuidado neonatal. Essa confiança é essencial para o bem-estar emocional da mãe e do bebê (SILVESTRE, 2017).

Outro ponto importante é o impacto do conhecimento sobre o AME na comunidade em geral. Programas educativos que promovem o aleitamento materno podem estimular uma cultura de apoio à amamentação em locais de trabalho e espaços públicos. Quando uma sociedade valoriza e apoia o AME, as lactantes se sentem mais acolhidas e incentivadas a continuar amamentando. É essencial, também, que haja um esforço contínuo para atualizar e divulgar informações sobre o AME, considerando novas pesquisas e descobertas científicas. Isso garante que os lactantes recebam as orientações mais recentes e eficazes, aumentando a taxa de sucesso do leite materno exclusivo (MAGRI *et al.*, 2011).

Por fim, o fortalecimento do conhecimento sobre o AME entre lactantes e suas redes de apoio é uma estratégia poderosa para promover a saúde pública. Ao investir em educação e suporte, podemos criar um ambiente onde mais mães se sintam

capacitadas a proporcionar o melhor início de vida para seus filhos, contribuindo para o desenvolvimento de uma geração mais saudável e bem ajustada (RODRIGUES *et al.*, 2021).

2.5 ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO AME

A enfermagem desempenha um papel importante na abordagem de questões que as mães e famílias enfrentam e que dificultam sobre promoção do aleitamento materno, pois os enfermeiros são considerados os especialistas mais próximos das mães. Desempenhando um papel importante nos programas de educação em saúde. Este especialista incentiva as mães a praticar a amamentação com base na compreensão de sua origem familiar e sociocultural (BATISTA KRA, *et al.*, 2013).

No decorrer do pré-natal é responsabilidade dos profissionais de saúde conscientizar as gestantes sobre os benefícios da prática do AME, pois é nesse período que o acolhimento se mostra fundamental. Posto isso, são pautadas na comunicação, no saber ouvir, na tentativa de compreender a realidade dessa mulher em contexto socioeconômico, cultural e familiar. Essa relação profissional-paciente deve ser fortalecida para construir confiança e, portanto, oferecer orientações sobre amamentação sem problemas, a fim de desenvolver nas gestantes o sentido da importância da prática do AME (BARBOSA *et al.*, 2015).

Entende-se que a educação em saúde é uma das melhores estratégias para promover o AME, pois essa prática contribui significativamente para a redução da morbimortalidade infantil. A incidência d AME ainda é inferior ao recomendado pela OMS. A falta de orientação e incentivo faz com que muitas mães parem de amamentar ou até mesmo não consigam inicia o processo de amamentação (NOBRE, 2011).

Nessa perspectiva, é de extrema importância que as mães estejam cientes dos benefícios do AME para seus filhos, familiares e para si mesmas. Para que a mulher tenha mais confiança em assumir o papel de mãe e alimentadora de seus filhos, ela deve se sentir segura e bem cuidada, então amamentar é um ato prazeroso e de alegria, e não uma obrigação (NOBRE, 2011).

Métodos de prevenção e promoção da saúde precisam ser desenvolvidos pelos profissionais de enfermagem para promover o AME a partir de ações educativas baseadas em orientações para gestantes e seus familiares, rodas de conversa e grupos de aconselhamento são essenciais. Essas ações são primordiais para garantir

a continuidade do aleitamento materno até o término da licença-maternidade, pois a partir dessas orientações, as mães conhecerão os procedimentos necessários para coletar e armazenar o leite (ARAÚJO JG, 2018).

Nesse contexto, é fundamental a inserção do enfermeiro na assistência ao AME em uma abordagem que vá além do básico do atendimento, compreendendo a nutriz em todos os seus aspectos, entendendo os limites da mulher. Tanto na Estratégia Saúde da Família quanto na maternidade as mães devem estar cientes da importância do aleitamento e a equipe multiprofissional deve incentivá-las a dar leite aos seus bebês imediatamente após o nascimento, protegendo das doenças de transmissão vertical (COUTINHO; KAIZER, 2015).

Dessa forma, a prática dos profissionais de enfermagem é potencializada e não só devem ter conhecimentos e habilidades básicas em amamentação, mas devem ser capazes de se comunicar promovendo todo o aconselhamento necessário. Essa ação não significa dizer a uma mulher o que ela precisa fazer e sim ajudá-la tomar uma decisão, depois de ouvi-la, entendê-la e conversar sobre os prós e contras das opções disponíveis (SILVA *et al.*, 2019).

Nesse ponto, o enfermeiro é o profissional mais qualificado para identificar e gerenciar os momentos de educação que promovam e facilitem a amamentação, identificando problemas durante o aconselhamento de crescimento e desenvolvimento (CD), dispondo o tratamento adequado. Os enfermeiros continuam a ser formados para intervir junto da população, não só prestando apoio, mas também promovendo de forma eficaz a educação permanente. O enfermeiro tem um papel estratégico na promoção da saúde, promovendo fundamentos como a educação e nutrição, sendo condições básicas para garantir a saúde (BATISTA; FARIAS; MELO, 2013).

A mãe necessita do acompanhamento de uma enfermeira para orientar sobre como amamentar com a técnica correta, postura correta e como pegar no peito. Dispondo o fornecimento das principais informações sobre os cuidados com os mamilos para mantê-los secos e higienizados, além disso, aconselhando sobre a necessidade de exposição ao ar livre ou à luz solar e trocar regularmente os forros usados em caso de vazamento de leite. É importante ter cuidado para não usar produtos que descasquem a camada protetora natural do mamilo, como álcool, sabonete ou qualquer produto secante (COSTA *et al.*, 2018).

É importante a explicação de como evitar o ingurgitamento mamário e como aumentar a flexibilidade da aréola pela ordenha manual do leite antes de trazer o bebê ao peito. Não é indicado a utilização de protetores mamilares, pois dificultam a promoção do desenvolvimento da autoconfiança da mulher com o lactante. Os profissionais de saúde precisam ser mais engajados com as mães que amamentam, principalmente enfermeiros que desempenham um papel importante nos programas de educação em saúde. Atuando como facilitadores da amamentação, promovendo não só a autonomia da mulher, mas também a importância do AME (COSTA *et al.*, 2018).

O papel do enfermeiro é garantir um atendimento holístico a mulher por meio da promoção, proteção e prevenção com a prática do AME. Não apenas pela informação, mas sobretudo pela implementação de ações participativas da mulher e sua família no pré-natal, parto e puerpério, contribuindo de forma significativa para um bom estado de lactação (LUSTOSA; LIMA, 2020).

Como visto, é fundamental o conhecimento adequado do enfermeiro sobre a lactação, a fim de garantir que a mãe e a criança não tenham apenas uma relação de amamentação, mas, principalmente uma relação de vínculo, pois o afeto materno garante o correto crescimento e desenvolvimento da criança. É primordial garantir que o AME seja cada vez mais implementado em sua integralidade e que o grupo familiar possa contribuir para essa decisão (LUSTOSA; LIMA, 2020).

É interessante ressaltar a responsabilidade do profissional de enfermagem em identificar efetivamente a autoeficácia materna, a fim de prover o desenvolvimento de estratégias pessoais para fortalecer ou mesmo construir sua confiança no fazer e amamentar exclusivamente, pois essa baixa autoconfiança muitas vezes pode estar relacionada à desregulação emocional, como a depressão pós-parto e, portanto, o surgimento do desmame precoce (ROCHA *et al.*, 2018).

Nesse cenário, os enfermeiros assumem um papel importante em relação às práticas de aleitamento materno, que possuem o conhecimento científico e técnico para estabelecer o padrão de alimentação do lactente. Suas intervenções devem focar nos benefícios nutricionais, imunológicos, emocionais e fisiológicos para o par mãe-filho, com base em ciência durante as orientações e sempre dispondo de uma atenção primária adequada (AMARAL *et al.*, 2015).

A equipe de enfermagem deve estar comprometida em prestar uma assistência de qualidade às mães, para que elas desfrutem da amamentação e não se sintam constrangidas pelas condições impostas pelo seu ambiente. É de extrema importância que as mulheres tenham consciência de que estão sendo bem cuidadas, para que se sintam confiantes no cumprimento de seu papel de mãe e amamentação (BRANDÃO *et al.*, 2016).

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de um estudo teórico que foi realizado por meio de revisão de literatura, com abordagem qualitativa, na qual foram selecionados os principais estudos relacionados ao tema proposto. O foco esteve na coleta nas principais bases de dados eletrônicas disponíveis, como: Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Google acadêmico e Periódicos Capes.

A revisão da literatura pretende se basear em importantes estudos científicos realizados por outros pesquisadores que discorrem sobre o tema em estudo. Nesse tipo de metodologia, o foco é construir discussões que vão gerar conhecimento reunido em um só lugar, destacando ideias-chave e descobertas contidas em livros, artigos científicos, teses e monografias (GIL, 2010).

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador obtém uma compreensão mais profunda de um grupo social, uma entidade, uma organização, e do caminho percorrido até o momento do estudo. Posto isso, não é necessário representar o grupo estudado estatisticamente (GOLDENBERG, 2004).

3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os detalhes dos critérios de inclusão e exclusão de um estudo científico são imprescindíveis em qualquer abordagem, pois esse comportamento fornece um melhor guia para adequar a metodologia de um estudo científico. Providenciando um desenho consistente no início, meio e fim, pois cada critério estabelecido é responsável por selecionar os principais trabalhos ou participantes que poderão fazer parte do estudo e os que serão retirados, reunindo os elementos mais relevantes para dar peso em todas as informações adquiridas pelo pesquisador (GIL, 1999).

Inclusões: preferência a artigos com as seguintes abordagens: trabalho de campo, levantamento, randomizado, revisão sistemática, pesquisas publicadas no Brasil ou no exterior com tradução apropriada do inglês, trabalhos disponíveis para download e trabalhos publicados entre 2010 e 2024.

Exclusões: teses, monografias, resumos e artigos com abordagem de panorama literário, obras publicadas no exterior sem a devida tradução para o

português, obra incompleta e indisponível para download e publicação além do período temporal de 2010 a 2024.

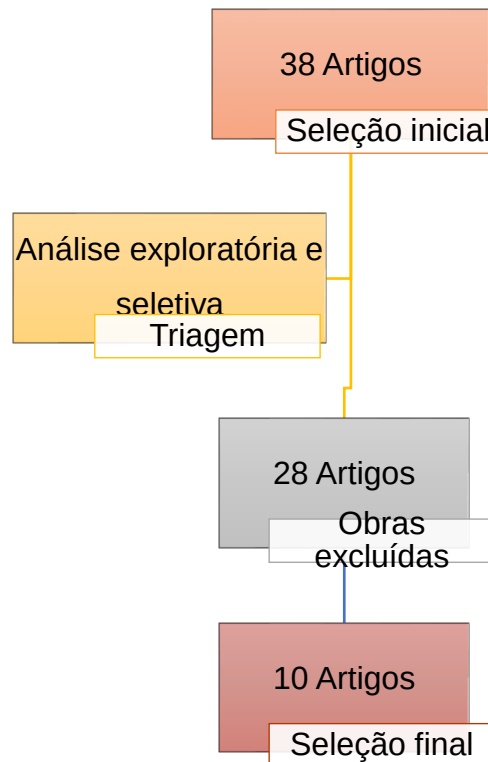
3.3 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A promoção do conhecimento científico requer uma enorme coleção de metodologias e autoridade em tópicos estabelecidos, ou seja, é essencial colocar em prática um bom processo durante a coleta e análise de dados, para se livrar de aspectos redundantes e ambíguos. Portanto, o debate é necessário ao aplicar o conhecimento científico coletado para estruturar a pesquisa de forma lógica, respondendo a todas as incógnitas levantadas no início do estudo (LAKATOS; MARCONI, 2007).

Para a construção adequada dos resultados e discussão foram utilizadas partes do assunto que foram estudados durante a fundamentação. Para isso, foi feita a busca por materiais bibliográficos em bases de dados online. Através dessa busca, foram encontradas 38 obras (artigos científicos). A partir da aplicação dos critérios de exclusão foi feita a realização de uma triagem, onde foram excluídas 28 obras que não condiziam com o tema a ser tratado nessa pesquisa. Restando 10 artigos que foram selecionados para a embasar o tópico de resultados e discussão dessa monografia.

Os artigos foram encontrados em 3 bancos de dados (SCIELO, LILACS e no PERÍODICO CAPES) em um quantitativo total de 38 pesquisas.

Após a organização foi feita uma análise para selecionar os artigos mais importantes para estruturar os resultados e discussão com a exclusão de 28 pesquisas.



3.4 ASPECTOS ÉTICOS

Quando há plágio, os indivíduos pegam um texto ou obra de outro autor sem fazer referências adequadas, de forma voluntária ou involuntária quando não entendem completamente as regras e regulamentos. Por conseguinte, no decorrer da pesquisa científica, a produção deve seguir uma especificação adequada com base nas referências do autor, indicando seu trabalho na lista final e no corpo do texto, após a construção de cada citação (CAVALCANTE, 2013).

Mediante o exposto, atenta-se que este trabalho de conclusão seguiu religiosamente as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), conforme adequações da Faculdade de Itaituba (FAI).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os pontos temáticos foram selecionados com o intuito de estabelecer uma visão sobre a assistência de enfermagem no processo de adesão ao aleitamento materno exclusivo (AME) para lactentes. Com relação ao quantitativo de estudos selecionados para cada ponto temático é possível destacar: quadro 1 (n= 5 estudos), quadro 2 (n= 5 estudos).

O cabeçalho dos quadros destacou as seguintes informações de cada estudo: Título do estudo, objetivo, metodologia, autores e ano de publicação. Sendo o suficiente para destacar o ponto chave de cada artigo para a estruturação, análise e finalização dos resultados e discussão desta monografia.

Os resultados de uma revisão da literatura devem ser discutidos com ênfase em teorias relacionadas ao mesmo eixo temático, oferecendo sugestões para novas pesquisas com base nas informações reunidas. Os dados de cada artigo são apresentados de forma descritiva, conectando-se a conhecimentos esporádicos sobre o tema (BARBOSA; MELO, 2008).

Quadro 1 – Assistência de enfermagem no AME

Título	Objetivo	Método	Autores\Ano
A participação do enfermeiro na promoção do aleitamento materno	Analisar as práticas de enfermagem na promoção do aleitamento materno durante o ciclo gravídico-puerperal	Pesquisa de campo	Melo <i>et al.</i> , 2016
Promoção do aleitamento materno na primeira hora de Vida do recém-nascido por profissionais da enfermagem	Descrever e analisar a percepção das puérperas acerca do incentivo ao aleitamento materno na primeira hora de vida pelos profissionais de enfermagem em uma maternidade pública	Pesquisa de campo	Leite <i>et al.</i> , 2016

Efeito do aleitamento materno para o sistema imunológico: uma prática de incentivo na assistência de enfermagem	Analisar os efeitos do aleitamento materno sobre o sistema imunológico do bebê.	Revisão da literatura	Ribeiro <i>et al.</i> , 2023
O papel do enfermeiro frente às dificuldades na amamentação no puerpério	Identificar o papel do enfermeiro frente às dificuldades na amamentação no puerpério imediato e mediato	Revisão da literatura	Bitencourt; Soratto, 2024
A importância do aleitamento materno exclusivo nos 6 primeiros meses de vida	Analisar a importância do enfermeiro quanto a promoção do aleitamento materno	Revisão da literatura	Bazilio <i>et al.</i> , (2024)

Conforme o estudo de Melo *et al.*, (2016), a participação do enfermeiro na promoção do aleitamento materno é fundamental para garantir a saúde e o bem-estar tanto do recém-nascido quanto da mãe. Os enfermeiros atuam como educadores, fornecendo informações sobre os benefícios do aleitamento, técnicas adequadas e superação de dificuldades que possam surgir. Além disso, eles desempenham um papel crucial no apoio emocional, ajudando as mães a desenvolverem confiança em suas habilidades para amamentar. Através de ações de orientação e incentivo, os enfermeiros importantes para a melhoria das taxas de aleitamento materno, promovendo uma prática que traz benefícios a longo prazo para a saúde infantil e materna.

Portanto, a atuação do enfermeiro é essencial na construção de um ambiente favorável à amamentação, refletindo um compromisso com a saúde pública e o desenvolvimento saudável das próximas gerações.

Leite *et al.*, (2016), construiu uma pesquisa envolvendo 24 puérperas que deram à luz na maternidade e aceitaram participar do estudo. Os depoimentos indicaram que todos tinham um conhecimento prévio sobre os benefícios e a relevância da amamentação, e a maioria recebeu um atendimento humanizado que apoiava essa prática. A conclusão aponta para a importância de garantir um suporte profissional para estimular o contato imediato entre mãe e filho, melhorando as ações

de cuidado e evitando restrições por parte do enfermeiro durante essa interação, promovendo uma boa comunicação entre eles.

Conforme Ribeiro *et al.*, (2023), o leite materno é considerado o alimento mais completo disponível, pois fornece todos os nutrientes essenciais para o crescimento e desenvolvimento do bebê desde o primeiro minuto de vida, além de trazer benefícios ao longo da vida. No entanto, muitas mães ainda optam por leites artificiais para seus filhos, especialmente aquelas que precisam retornar ao trabalho e consideram mais fácil oferecer outro tipo de leite, ou aquelas que acreditam que seu leite é “fraco” e que o bebê está com fome. Esta situação pode ser atribuída à falta de informação que deveria ser fornecida aos profissionais de saúde, que deveriam orientar as mães sobre a importância do leite materno adequado.

Em consenso aos estudos de Melo *et al.*, (2016), Leite *et al.*, (2016) e Ribeiro *et al.*, (2023), Lustosa e Lima (2020), o leite materno possui uma quantidade adequada de vitaminas e água, além de propriedades anti-infecciosas e fatores de crescimento. Contém proteínas e minerais em níveis seguros e de fácil digestão, e é rico em lipídios, incluindo ácidos graxos essenciais e lipase para facilitar a digestão. Embora o ferro esteja presente em menor quantidade, sua compreensão é eficiente. O papel da enfermagem é garantir a prática da amamentação exclusiva (AME) por meio de promoção, proteção e prevenção, não apenas por meio da informação, mas também pela implementação de ações que envolvem a gestante e sua família durante o pré-natal, o parto e pós-parto.

Sendo assim, o leite materno oferece proteção à criança contra diversas doenças, incluindo infecções respiratórias e gastrointestinais, alergias e doenças autoimunes, além de reduzir a mortalidade infantil. Ele também reveste a mucosa intestinal do recém-nascido, que é imatura e mais suscetível a fungos e bactérias. Além disso, há uma associação entre o alerta materno e a prevenção do diabetes e da obesidade. Para a mãe, o leite materno traz benefícios significativos, como a redução do risco de câncer de ovário e útero, aumento do gasto energético e perda de peso após o parto, entre outros.

Conforme Bitencourt; Soratto, (2024), identificou-se um déficit de conhecimento sobre o posicionamento do bebê; a pega correta do bebê para a promoção da amamentação; tempo correto para a prática do AME; percepção sobre o leite fraco com dúvidas sobre a produção de leite; além do esquecimento das puérperas sobre

as orientações recebidas pela equipe de enfermagem. O resultado da pesquisa denotou falta de orientação adequada às puérperas por parte da enfermagem durante a prática de amamentar. Conhecer as dificuldades enfrentadas pelas puérperas na amamentação permite subsidiar o cuidado de enfermagem humanizado, sendo primordial o diálogo e a orientação do enfermeiro para uma amamentação eficaz no puerpério imediato e mediado. Considera-se necessária a capacitação do enfermeiro para possibilitar apoio técnico-prático-científico com técnicas de aconselhamento, observação e demonstração prática do manejo clínico da amamentação.

De acordo com Bazilio *et al.*, (2024), é fundamental implementar estratégias mais eficazes para promover o aleitamento materno exclusivo, priorizando a conscientização das mães, o suporte dos profissionais de saúde e a superação de desafios que possam surgir. Isso contribuirá para a saúde geral e o bem-estar no longo prazo, tanto das crianças quanto de suas mães. Além disso, é essencial que o enfermeiro esteja ciente dos riscos associados à introdução precoce de alimentos ultraprocessados na vida das crianças e das possíveis consequências para o crescimento e desenvolvimento do lactente.

Conforme Silva *et al.*, (2019), em sua análise revelou que, devido à complexidade do processo de aleitamento, percebe-se que este processo envolve a superação de paradigmas sociais e pessoais relacionados a questões como a quantidade de leite e insuficiência de nutrientes, que influenciam o desmame. O enfermeiro atua como um agente educador em saúde, esclarecendo dúvidas e promovendo o bem-estar. Em conclusão, nesse contexto, a atuação do profissional de enfermagem se fortalece, pois não basta possuir apenas conhecimentos básicos e habilidades sobre educação; é fundamental que ele tenha a capacidade de se comunicar eficazmente, oferecendo aconselhamento que não se retome a dizer à mulher o que fazer, mas sim a auxiliá-la na tomada de decisões, ouvindo-a, compreendendo suas necessidades e dialogando sobre os prós e contras.

Portanto, a assistência de enfermagem no AME tem mostrado resultados interessantes ao abordar as diversas dificuldades enfrentadas pelas mães durante esse processo. Os enfermeiros, convidados como educadores e apoiadores, são recomendados para a superação de barreiras como dor, fissuras e inseguranças sobre a produção de leite, promovendo a confiança das mães. Além disso, ao oferecer informações claras e suporte emocional, eles ajudam a aumentar as taxas de

amamentação, garantindo que mais bebês sejam alimentados de forma adequada e saudável. Essa abordagem integrada não só melhora a experiência da amamentação, mas também fortalece a saúde a longo prazo das mães e dos recém-nascidos.

Quadro 2 – Dificuldades enfrentadas por puérperas no AME

Título	Objetivo	Método	Autores\Ano
Dificuldades no aleitamento materno e influência no desmame precoce	Verificar o tempo médio do aleitamento materno exclusivo (AME) de crianças nascidas em Hospital Amigo da Criança (IHAC) e correlacioná-lo com outras variáveis	Pesquisa de campo	Rocci; Fernandes, 2014
Fatores que interferem no aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida do bebê	Identificar os fatores que interferem na manutenção do aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida do bebê	Revisão da literatura	Vasconcelos; Barbosa; Gomes, 2020
Aleitamento materno exclusivo: dificuldades vivenciadas	Verificar as dificuldades vivenciadas pelas mães que não conseguiram amamentar exclusivamente até os seis meses de idade, desenvolvida em uma Unidade Básica de Saúde no sul de Santa Catarina	Pesquisa de campo	Fontana, 2021
Aleitamento materno exclusivo: dificuldades vivenciadas por puérperas	Conhecer as principais dificuldades enfrentadas por mulheres no processo do aleitamento materno exclusivo	Pesquisa de campo	Marinho <i>et al.</i> , 2022
As principais dificuldades encontradas pelas primíparas e multíparas na	Consistem em entender os principais problemas enfrentados pelas primíparas e	Pesquisa de campo	Bodanese; Carneiro e Ribeiro, 2023

amamentação com aleitamento materno exclusivo	múltiparas no decorrer do tempo da amamentação materna exclusiva		
---	--	--	--

Segundo Rocci e Fernandes (2014), as dificuldades no aleitamento materno são um desafio significativo enfrentado por muitas mães, muitas vezes resultando em desmame precoce. Identificou-se no estudo fatores como dor e desconforto nos mamilos, dificuldades na pega do bebê, preocupações com a produção de leite e a falta de apoio emocional e prático podem levar as mães a desistirem da amamentação antes do ideal. Estudos mostram que esses obstáculos não afetam apenas a saúde nutricional do lactente, mas também podem impactar o vínculo mãe-bebê e a saúde mental da mãe. Além disso, a falta de informações adequadas e de suporte profissional pode intensificar a sensação de inadequação, contribuindo para a cessação precoce do aleitamento, o que ressalta a importância de intervenções educativas e de suporte durante o período de amamentação.

Conforme o estudo de Vasconcelos, Barbosa e Gomes (2020), diversos fatores interferem no AME durante os primeiros seis meses de vida do bebê. Entre eles, destacam-se aspectos socioeconômicos, como a falta de suporte familiar e profissional, que podem limitar o acesso a informações e recursos adequados para a amamentação. Além disso, questões físicas, como dificuldades na pega e nos mamilos, podem estimular a mãe. A cultura e as normas sociais também desempenham um papel importante, pois envolvem a alimentação e a pressão para introduzir alimentos sólidos precocemente e podem levar ao desvio das diretrizes de aleitamento. Conclui-se que ainda existe uma alta taxa de desmame antes do período recomendado, apesar das diversas campanhas que apontam os prejuízos deste ato. Embora o AME seja considerado o ideal para os primeiros seis meses de vida do bebê, diversos fatores, que vão desde o contexto sociocultural até dificuldades geradas por práticas prejudiciais de parto, afetam essa prática.

Fontana (2021) construiu um estudo em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) localizada na região Sul de Santa Catarina. A pesquisa contou com a participação de dez mulheres que não realizaram a amamentação exclusiva de seus filhos até os seis meses de idade. Como resultado, constatou-se que a grande maioria das mães não amamentaram exclusivamente até os seis meses, acreditando que seu leite materno

não era suficiente, além da falta de interesse em buscar informações sobre amamentação. Dessa forma, foi introduzida água e chás antes dos seis meses, juntamente com a fórmula escolhida pelos pais. Os resultados da pesquisa destacam a relevância da assistência de enfermagem durante o pré-natal e a importância do acompanhamento contínuo em consultas de puericultura após o nascimento.

Em consenso aos estudos de Rocci e Fernandes (2014), Vasconcelos, Barbosa e Gomes (2020) e Fontana (2021), Amorim *et al.*, (2023) evidencia-se que o aleitamento materno exclusivo é de suma importância para o crescimento e desenvolvimento da criança, especialmente nos primeiros seis meses de vida. Os principais desafios enfrentados pelas puérperas durante a amamentação incluem traumas mamilares, como fissuras, mastites e ingurgitamentos; uma variedade de tipos de mamilos; a ausência de uma rede de apoio e de orientações durante o pré-natal; fatores socioeconômicos; e o retorno ao trabalho, que pode influenciar o desmame. O papel do enfermeiro na amamentação é indiscutível, já que esses profissionais têm mais contato com as mulheres durante a gestação, especialmente nas consultas de pré-natal. Essa interação é fundamental para o sucesso da amamentação, pois muitas mães descontinuam a amamentar devido ao sono e às pegadas convenientes, frequentemente associadas à falta de orientações adequadas.

Segundo Marinho *et al.*, (2022), houve uma análise dos dados coletados. Dessa forma, surgiram as categorias: dificuldades relacionadas à amamentação; desmame precoce e uso de fórmula; e fontes de informação sobre aleitamento materno. As principais dificuldades identificadas incluem pegadas específicas, fissuras nos mamilos, dor nas mães, sangramento e estresse. A introdução precoce de alimentos alternativos está relacionada à rotina de trabalho, além de ser incentivada por familiares e amigos. Constatou-se que as mulheres extraordinárias de orientação, apoio e informações comprometidas desde o pré-natal até o puerpério, para que possam entender a técnica correta de amamentação e obter os benefícios do leite materno, de modo a superar as dificuldades associadas a esse processo.

Segundo Bodanese, Carneiro e Ribeiro (2023), foram identificados aspectos relevantes que mostram que, muitas vezes, os serviços e profissionais de saúde não estão preparados para fornecer o conhecimento necessário às mulheres, resultando em um desamparo em relação aos cuidados essenciais com a mãe e o bebê. O estudo revelou que as principais dificuldades enfrentadas pelas primíparas e multíparas são

as fissuras mamárias, que estão frequentemente associadas a medos e ansiedades em relação à amamentação. Essas questões podem ser abordadas por meio de informações oferecidas durante o pré-natal e pós-parto, enfatizando a importância da amamentação, o entendimento dos problemas causados pela introdução precoce de alimentos e como evitar complicações mamárias. Além disso, algumas literaturas indicam que as mulheres são influenciadas pelo contexto social em que vivem, e a atuação das unidades de saúde e clínicas obstétricas é crucial para esclarecer as dificuldades mencionadas, assim como para fornecer orientações durante o puerpério e o período de internação.

Em Concordância aos estudos de Marinho *et al.*, (2022) e Bodanese, Carneiro e Ribeiro (2023), Urbanetto *et al.*, (2024) destacam que as dificuldades específicas incluem a necessidade de retorno ao trabalho, problemas como dor, fissuras nos mamilos, lentidão na descida do leite, desconforto, ingurgitamento, além de o bebê apresentar destruição, mamar com frequência ou rejeição do seio. Concluindo, é importante que o enfermeiro ofereça apoio e informações essenciais às mães no pós-parto, além de orientar práticas que ajudem a reduzir os desafios da amamentação, a fim de evitar o desmame.

Por conseguinte, as puérperas enfrentam diversas dificuldades no AME, conforme evidenciado pelos autores referenciados. Entre os principais desafios estão a dor e as fissuras nos mamilos, que podem causar desconforto e desmotivação para amamentar. Além disso, a lentidão na descida do leite e o ingurgitamento mamário são problemas que muitas mães relatam, dificultando a experiência de amamentação. Outro fator relevante é a morte dos bebês, que pode levar a uma morte ao seu filho ou a uma demanda irregular, resultando em ansiedade para as mães. Essas dificuldades destacam a necessidade de um apoio efetivo e contínuo por parte dos profissionais de enfermagem, que pode fornecer orientação e incentivo, ajudando as puérperas a superar esses obstáculos e a estabelecer uma prática de nutrição mais eficaz.

5 CONCLUSÃO

No que diz respeito às questões orientadoras, vários fatores e aspectos impactam a prática do aleitamento materno, abrangendo elementos culturais, sociais e de apoio familiar, além de condições físicas como a saúde da mãe e do bebê. Os benefícios do leite materno para os lactentes são frequentemente abordados em relação à nutrição, ao reforço do sistema imunológico e ao desenvolvimento emocional, levantando dúvidas sobre a viabilidade da amamentação em diferentes situações. Contudo, muitos lactantes enfrentam desafios para manter o aleitamento materno exclusivo, como dores e fissuras nos mamilos, preocupações com a quantidade de leite disponível, risco de desmame precoce e a necessidade de voltar ao trabalho. Esses aspectos ressaltam a importância de um suporte adequado que inclua informações e orientações práticas para auxiliar as mães na superação dos obstáculos e no estabelecimento de uma amamentação bem-sucedida.

Em relação aos objetivos, o AME é afetado por vários elementos que podem afetar a sua execução e duração. Dentre as principais características estão o suporte familiar e social, que cria um ambiente motivador para a mãe; a educação e esclarecimento sobre as vantagens do aleitamento materno, que contribuem para desfazer mitos e incertezas; e a saúde materna e infantil, que podem influenciar a habilidade de amamentar.

Consequentemente, a promoção do aleitamento materno exclusivo requer uma abordagem diversificada, onde as práticas de cuidado de enfermagem são de suma importância. É essencial identificar táticas eficazes, como a educação e o apoio contínuo, para facilitar a adesão das mães. Além disso, é crucial levar em conta os obstáculos enfrentados, como a falta de apoio social e a desinformação, e realizar ações que auxiliem na superação desses desafios. A formação e capacitação dos profissionais de enfermagem nas políticas e orientações sobre aleitamento materno também são fundamentais, assegurando que esses profissionais estejam prontos para fornecer um apoio de qualidade. Dessa forma, a colaboração entre mães, a equipe de enfermagem e a comunidade é imprescindível para criar um ambiente que promova e sustente o aleitamento materno exclusivo, contribuindo para a saúde tanto das mães quanto dos bebês.

REFERÊNCIAS

AMARAL, L. J. X. et al. Fatores que influenciam na interrupção do aleitamento materno exclusivo em nutrízes. **Revista gaúcha de enfermagem**, v. 36, p. 127-134, 2015.

ARAÚJO, J.G. **Amamentação na primeira hora de vida do bebê: hora de ouro**. TCC (Graduação): Bacharelado em Enfermagem. Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA), Ariquemes, 2018.

AMORIM, M. L. S. et al. Aleitamento materno exclusivo: aspectos desafiadores enfrentados pelas puérperas. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n. 9, p. 27370-27382, 2023.

ANDRADE, H. S.; PESSOA, R. A.; DONIZETE, L. C. V. Fatores relacionados ao desmame precoce do aleitamento materno. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 13, n. 40, p. 1-11, 2018.

ANDRADE, I.S.N. Aleitamento Materno e seus Benefícios: Primeiros passos para a promoção saúde. **Ver Bras Promoção Saúde**. v.2, p.149-150, 2014.

AZEVEDO, B. A.; ATAÍDE, Rita de Cássia Natividade. Determinantes da interrupção precoce do aleitamento materno: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 9, p. e8939-e8939, 2021.

ANDRADE, L. F. D. O. **Aleitamento materno exclusivo e fatores de interrupção precoce**. 2018.

ARAÚJO, T. P.; FORMIGOSA, L. A. C.; MACIEL, A. P. Prevalência e fatores associados ao desmame precoce: uma revisão integrativa. **Saúde Coletiva (Barueri)**, v. 10, n. 59, p. 4508-4521, 2020.

AZEVEDO, B. A.; ATAÍDE, R. C. N. Determinantes da interrupção precoce do aleitamento materno: uma revisão narrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 9, p. e8939-e8939, 2021.

ARAÚJO, S. C. et al. Fatores intervenientes do desmame precoce durante o aleitamento materno exclusivo. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. e6882-e6882, 2021.

BRANDÃO, A. P. M. et al. Aleitamento materno: fatores que influenciam o desmame precoce. **Rev Cient FacMais**, v. 5, n. 1, p. 1-24, 2016.

BRASILEIRO, M. E.; SILVA, L. C. S. Metodologia da pesquisa científica aplicada à Enfermagem. 1ª ed. Goiânia: AB, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar**. Caderno de atenção básica n 23 – 2. ed. – Brasília: 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Bases para a discussão da Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília, 2017.

BARBOSA, D. J.; VASCONCELOS, T. C.; GOMES, M. P. Fatores que interferem no aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida do bebê. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 11, n. 1, p. 80-87, 2020.

BARBOSA, L. R.; MELO, M. R. A. C. Relações entre qualidade da assistência de enfermagem: revisão integrativa da literatura. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, p. 366-370, 2008.

BAZILIO, F. G. et al. A importância do aleitamento materno exclusivo nos 6 primeiros meses de vida. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 15, n. Especial, p. 119-124, 2024.

BATISTA, K.R.A, et al. Influência da assistência de enfermagem na prática da amamentação no puerpério imediato. **Saúde em Debate**, v.37, n.96, p.130-138, 2013.

BARBOSA, L. N. et al. Prevalência de práticas educativas acerca do aleitamento materno exclusivo (AME) em Cuiabá-MT. **Escola Anna Nery**, v. 19, p. 147-153, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. **Manual de Instruções para o preenchimento da Declaração de Nascido Vivo**. Brasília, DF; 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da Criança: Nutrição infantil: aleitamento materno e**

alimentação complementar. Brasília: MS; 2009. (Série A. Normas e Manuais Técnicos, Cadernos de Atenção Básica, nº 23).

BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres. Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa.** Brasília: MS; 2016. 230 p.
6. Tzeng HM, Yin CY. Patient satisfaction versus quality. *Nurs Ethics* 2008; v.15, n.1, p.121-124, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Atenção ao pré-natal de baixo risco.** Brasília: Ministério da Saúde. [s.n.: s.l.], 2012.

BRAGA, M. S.; GONÇALVES-SILVA, M.; AUGUSTO, C. R. Os benefícios do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 70250-70261, 2020.

BUENO, L.G.D.S, Teruya KM. Aconselhamento em amamentação e sua prática. **J Pediatr.** v. 80, n.5, p.126-130, 2005.

BATISTA, K.R.A.; FARIAS, M.C.A.D.; MELO, W.S.N. Influência da assistência de enfermagem na prática da amamentação no puerpério imediato. **Revista Saúde em Debate.** v.37, n.96, p.130-8, 2013.

BALSELLS, M. M. D. et al. Avaliação do processo na assistência pré-natal de gestantes com risco habitual. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 31, p. 247-254, 2018.

COUTINHO, S. E.; KAISER, D. E. Visão da enfermagem sobre o aleitamento materno em uma unidade de internação neonatal: relato de experiência. **Boletim Científico de Pediatria.** V. 4, n.1, 2015.

COELHO, A. A.; LIMA, C. M.; ARRUDA, E. H. P. Conhecimento de gestantes e puérperas acerca da mastite puerperal. **Journal Health NPEPS**, v. 3, n. 2, p. 540-551, 2018.

COSTA, E.F.G.; ALVES, V.H.; SOUZA, R.M.P, et al. Atuação do enfermeiro no manejo clínico da amamentação: estratégias para o aleitamento materno. **Revista Fundamentação Care Online.** v.10, n.1, p.217-23, 2018.

CABRAL, S. A. A. O. et al. Receios na gestação de alto risco: uma análise da percepção das gestantes no pré-natal. **Rev Mult Psic**, v.12, n.40, p.151-162, 2018.

CARNEIRO, D. C. F.; RODRIGUES, D. F. Conhecimento de gestantes de uma Estratégia Saúde da Família (ESF) de Sete Lagoas-MG sobre os benefícios do aleitamento materno. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. 3, 2018.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. 1. Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

FRANÇA, G. V. A.; BRUNKEN, G. S.; SILVA, S. M, ESCUDER, M. M.; VENANCIO SI. Determinantes da amamentação no primeiro ano de vida em Cuiabá, Mato Grosso. **Revista Saúde Pública**. v.41, n. 5, p. 711-8, 2007.

FARIAS, L. H. D. **Fatores associados a interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo na cidade da Vitória de Santo Antão, Pernambuco**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso. 2022.

GUERRA, A.; RÊGO, C.; SILVA, D.; FERREIRA, G.C.; MANSILHA, H.; ANTUNES, H. et al. Alimentação e nutrição do lactente. **Acta Pediatra Portugal**. v. 43, p.17-40, 2012.

GONÇALVES, M. F. et al. Pré-natal: preparo para o parto na atenção primária à saúde no sul do Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, 2018.

GUIMARÃES, W. S. G. et al. Acesso e qualidade da atenção pré-natal na Estratégia Saúde da Família: infraestrutura, cuidado e gestão. **Cadernos de saúde pública**, v. 34, 2018.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa 8ªed. qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/labesc/files/2012/03/A-Arte-de-Pesquisar-Mirian-Goldenberg.pdf>>. Acesso em: 28 dez 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010.

GONÇALVES, L. C. S.; REIS, J. R. G. Fatores relacionados ao desmame precoce. **Revista Perquirere**, v. 2, n. 13, p. 218-228, 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 3-17, 1999.

HOLANDA, E. R. D.; SILVA, I. L. Fatores associados ao desmame precoce e padrão espacial do aleitamento materno em território na Zona da Mata de Pernambuco, Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 22, p. 803-812, 2023.

LUSTOSA, E.; LIMA, R. N. Importância da enfermagem frente à assistência primária ao aleitamento materno exclusivo na atenção básica. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde-ReBIS**, v. 2, n. 2, 2020.

LEITE, M. D. G. B. et al. Aleitamento materno exclusivo: olhar das nutrizes do interior Paraibano. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 17, p. e55-e55, 2019.

LUSTOSA, E.; LIMA, R. N. Importância da enfermagem frente à assistência primária ao aleitamento materno exclusivo na atenção básica. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, 2020.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEITE, M. D. G. B. et al. Aleitamento materno exclusivo: olhar das nutrizes do interior Paraibano. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 17, p. e55-e55, 2019.

MÉLO, N. S. A participação do enfermeiro na promoção do aleitamento materno. **Repositório Institucional do Unifip**, v. 1, n. 1, 2016.

MACHADO, M. O. F.; HAAS, V. J.; STEFANELLO, J.; NAKANO, A. M. S.; SPONHOLZ, F. G. Aleitamento materno: conhecimento e prática. **Revista Escola de Enfermagem USP**. v. 46, n.4, p.809-15, 2013.

MARIANO, G. J. S.; SILVA, I. A.; ANDREWS, T. Amamentação em ambiente prisional: perspectivas das enfermeiras de uma penitenciária feminina irlandesa. **Rev. Iberoam. Educ. Investi. Enferm.**, v. 5, n. 3, p. 15-24, 2015.

MACHADO, M. L. C.; SOLER, Z. A. S. G. Autoeficácia na amamentação com uso da Breastfeeding Self-Efficacy Scale: **estudo de base bibliográfica**. Enfermagem Brasil, 2018.

MAIA, M. G. Indicador de qualidade da assistência pré-natal em uma maternidade pública. JIMPHC. **Jornal de Gestão e Saúde Primária**, v. 5, n. 1, p. 40-47, 2014.

MARQUES, B. L. et al. Orientações às gestantes no pré-natal: a importância do cuidado compartilhado na atenção primária em saúde. **Escola Anna Nery**, v. 25, 2020.

MAGRI, M. et al. Conhecimento de primíparas, mães de lactentes residentes em Palmeira das Missões/Rio Grande do Sul sobre aleitamento materno. **Journal of Nursing and Health**, v. 1, n. 2, p. 265-281, 2011.

NOBRE, M. C. R. **Assistência de Enfermagem ao Binômio Mãe e Filho na Prática do Aleitamento Materno**. Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes-RO, 2011.

NUNES, J. T, GOMES, K. R. O.; RODRIGUES, M. T. P.; MASCARENHAS, M. D. M. Qualidade da assistência pré-natal no Brasil: revisão de artigos publicados de 2005 a 2015. **Cad. Saúde Colet**. v.24, n.2, p. 252-261, 2016.

OLIVEIRA, C.S.; LOCCA, F.A.; CARRIJO, M.R.; GARCIA, R.A.T.M. Amamentação e as intercorrências que contribuem para o desmame precoce. **Rev Gaúcha Enferm.**, v.36, p.16-2, 2015.

PRATES, L. A. I.; CECCON, F. G.; LIPINSKI, J. M. Adaptação da mulher ao puerpério e a importância da atuação do profissional de saúde para a promoção do aleitamento materno. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 4, n. 3, 2012.

PIVETTA, H. M. F. et al. Prevalência de aleitamento materno e fatores associados: uma revisão de literatura. **Revista de ciências médicas e biológicas**, v. 17, n. 1, p. 95-101, 2018.

QUEIROZ, P.H.B. **Enfermeiras na Atenção Básica de Saúde e a amamentação** [dissertação]. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2008.

RUSCHI, G. E. C.; ANTÔNIO, F. F.; ZANDONADE, E.; Miranda, A. E. Qualidade dos dados de assistência pré-natal na Atenção Básica em prontuário eletrônico e relação com apoio matricial, Vitória, Espírito Santo, 2013-2014: corte transversal. **Rev. Bras. Med. Fam. Comunidade**. v. 12, n.39, p.1-13, 2017.

ROCHA, I. S. et al. Influência da autoconfiança materna sobre o aleitamento materno exclusivo aos seis meses de idade: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 3609-3619, 2018.

ROCCI, E.; FERNANDES, R. A. Q. Dificuldades no aleitamento materno e influência no desmame precoce. Ver. **Bras. Enferm.** v. 67, n. 1, p. 22-7, 2014.

RODRIGUES, D. S., B. et al. Conhecimento das mães de lactentes sobre a hipersensibilidade alimentar. **Saúde Coletiva**, v. 11, n. 70, 2021.

SOUZA, S. N. D. H; MELLO D. F, A. Y. R. E. S J. R. C. M. O aleitamento materno perspectiva na vulnerabilidade programática e do cuidado. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 29, n. 6, p. 1186-1194, 2013.

SILVA, A. X. et al. Assistência de enfermagem no aleitamento materno exclusivo: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 2, p. 989-1004, 2019.

SILVA, A. X. et al. Assistência de enfermagem no aleitamento materno exclusivo: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 2, p. 989-1004, 2019.

SILVA, A. C. G.; GALDINO, L. G. S. **Aleitamento materno: as atribuições do enfermeiro mediante as compilações e dúvidas da puérpera**. Centro Universitário Do Planalto Central Professor Aparecido Dos Santos (UNICEPLAC), Brasília-DF, 2019.

SILVA, E. B. O. et al. Benefícios do aleitamento materno no crescimento e desenvolvimento infantil: uma revisão sistemática. **Revista das Ciências da Saúde do Oeste Baiano - Higia. Bahia**, v.1, n.2, p.148-163, 2016.

SOUSA, J. R de et al. Aspectos envolvidos na interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo: revisão integrativa. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research–BJSCR**, v. 24, n. 3, p. 126-129, 2018.

SANCHES, M. T. C. et al. Fatores associados à interrupção do aleitamento materno exclusivo de lactentes nascidos com baixo peso assistidos na atenção básica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, p. 953-965, 2020.

SOUZA, B. S.; ASSUNÇÃO, E. G.; GUIMARAES, G. C. Fatores associados ao desmame precoce no contexto brasileiro:(em processo de edição). **Saberes Plurais Educação na Saúde**, v. 7, n. 2, p. e133427-e133427, 2023.

SILVESTRE, P. K. **Conhecimentos e práticas sobre aleitamento materno de profissionais que atendem lactentes nos serviços públicos de saúde de Botucatu-SP**. 2017.

SANTOS, N. N. B. et al. Percepção materna sobre aleitamento: importância e fatores que influenciam o desmame precoce. **Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 10, n. 2, 2022.

TAKEMOTO, A. Y. et al. Prática do aleitamento materno exclusivo: conhecimento de gestantes. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**, v. 27, n. 8, p. 4170-4182, 2023.

TAVARES, A. M. C. et al. Fatores que interferem na duração do aleitamento materno de crianças na Região Metropolitana do Cariri cearense. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 15, p. e47367-e47367, 2020.

TREVISAN, M. R, LORENZI, D. R. S, ARAÚJO, N. M. et al. Perfil da assistência pré-natal entre usuárias do Sistema Único de Saúde em Caxias do Sul. **Rev Bras Ginecol. Obstet**. v.24, n.5, p. 293-299, 2002.

URBANETTO, P. D. G. et al. Facilidades e dificuldades encontradas pelas puérperas para amamentar/Facilities and difficulties found by mothers to breastfeed. **Revista de pesquisa cuidado é fundamental online**, v. 10, n. 2, p. 399-405, 2024.

VIEIRA, D. B. Desvantagens do desmame precoce e o papel do Enfermeiro. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 35163-35184, 2020.

VIEIRA, E. S.; CALDEIRA, N. T.; EUGÊNIO, D. S.; LUCCA, M. M.; SILVA, I. A. Autoeficácia para amamentação e depressão pós-parto: estudo de coorte. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, 2018.

VIELLAS, E. F.; AUGUSTO, M.; DIAS, B.; VIANA, J.; BASTOS, M. H. Assistência pré-natal no Brasil. **Cad Saude Publica**. v. 30, p.85-100, 2014.

ZAPERLLON, L. D.; RAVELLI, A. P. X.; MATIA, G. Educação em saúde no período gravídico puerperal com foco no aleitamento materno. **Congresso Nacional de Educação**, 2015.

ZAVA, S. D. M. R.; CONTARINE, E. S; BAPTISTINI, R. A. Fatores que interferem na adesão e manutenção do aleitamento materno exclusivo. **Cadernos Camilliani e-ISSN: 2594-9640**, v. 17, n. 3, p. 2227-2249, 2021.